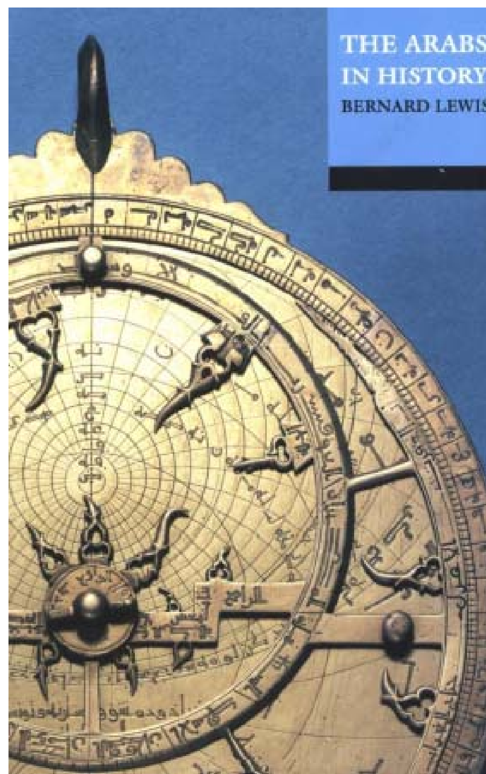
Recensão Crítica

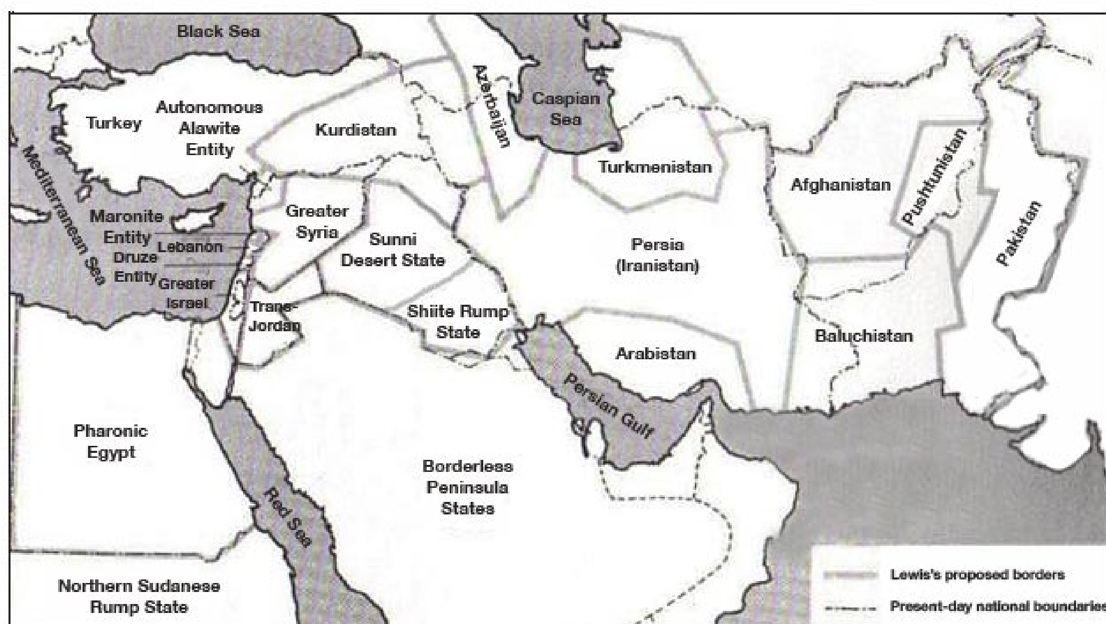
Lewis, Bernard. “The Arabs in History”. Oxford University Press. 6ª edição. 2002



Rolando Melo

Mértola,

ربيع الأول 1430 Hijri



The Bernard Lewis plan for the Middle East

Bilderberg-Lewis-Radical-Irmandade-Muçulmana-Khomeini-Balcanização-Libanização-Próxim'Oriente-Mapa, palavras-chave para atentar em *Bernard Lewis' Redrawn Map of the "Arc of Crisis"*[1],

"Enfrentamos um modo (mood) e um movimento que de longe transcende o nível de temas (issues) e políticas e os governos que os/as prosseguem. Isto não é menos que um choque de civilizações[2] – a talvez irracional mas decerto histórica reacção de uma ancestral rivalidade contra nossa herança Judaico-Cristã, nosso presente secular e a expansão mundial de ambos."

(Lewis in Huntington:32)

[1] V. Andrew G. Marshall, Creating an "Arc of Crisis": The Destabilization of the Middle East and Central Asia The Mumbai Attacks and the "Strategy of Tension" Part Two. http://www.creative-i.info/?p=2761

[2] O choque de civilizações ocorre em dois níveis: micro – grupos adjacentes às ***fault lines**** entre civilizações lutam pelo controlo do território e entre si; macro – estados de diferentes civilizações competem pelo poder militar relativo e económico;

*[Geology (1865-70) – the intersection of a fault with the surface of the earth or other plane of reference; dictionary.reference.com]

[Samuel Huntington. The Clash of Civilizations? *Foreign Affairs*. Summer 1993]

Introdução ao Presente Autoral

Bernard Lewis nasceu em Londres - Stoke Newington - a 31 de Maio de 1916, filho de pais Judeus de classe média, graduando-se – B. A. p'la *School of Oriental Studies*, depois *School of Oriental and African Studies* – em História em 1936 e doutorando-se três anos depois p'la mesma instituição em História do Islão. Em 1937 obteve o "Diplôme des Études Sémitiques" p'la Universidade de Paris, tendo estudado com o orientalista Louis Massignon. De 1938 a 1974 leccionou na *School of Oriental and African Studies* e de então até sua reforma académica, em 1986, na Universidade de Princeton e no *Institute for Advanced Study*, também localizado em Princeton, tornando-se entretanto o Professor Emérito Cleveland E. Dodge de *Near Eastern Studies* na referida universidade. Em 1982 tornou-se cidadão dos Estados Unidos, sendo que durante a Segunda Guerra Mundial serviu no Exército Britânico, designadamente nos *Royal Armoured Corps* e *Intelligence Corps* em 1940–41 e no *Foreign Office* até ao final do conflito. (Cf. Department of Near Eastern Studies, Princeton University - http://www.princeton.edu/~nes/faculty_lewis.html - & wikipedia.org)

Se "seus ensaios seminais sobre militância Islâmica na *Atlantic Monthly*, *Foreign Affairs*, *Commentary* e *New Republic* chegaram também ao estabelecimento da política internacional, mesmo desconhecendo os membros deste a linhagem das perspectivas apresentadas" (Gerecht), "o que há de crucial a saber sobre ele[3] é que é um tradicional liberal Europeu – que olha para a autonomia legal e espiritual do indivíduo no contexto de uma sociedade secular como o valor central e último objectivo político", tomados os valores-conceitos liberais[4] (tolerância, individualismo, secularismo) como um bem objectivo (Humphreys) - incessantemente difundido em entrevistas e conferências,

---

[3] Em contraponto, afiança M. Shahid Alam em "Bernard Lewis and the New Orientalism – Scholarship or Sophistry?", Counterpunch, 28 de Junho de 2003 - www.counterpunch.org/alam06282003.html - "o essencial da ideologia de Lewis sobre o Islão é que este nunca muda, sua [Lewis] missão sendo a de informar segmentos conservadores do público leitor Judeu e quem mais o queira ouvir que qualquer registo político, histórico e académico de Muçulmanos deve começar e terminar com o facto dos Muçulmanos serem Muçulmanos."

[4] "individualismo, liberalismo, constitucionalismo, direitos humanos, igualdade, liberdade (liberty), lei-[estado de direito] (rule of law), democracia, mercado livre, separação de igreja e estado..." (v. Huntington:40)

autorizadas e autorizantes teses-em-xeque assumindo o notável avanço material em e nos termos dos estados e estádios que ele mesmo enquanto docente e lente formou conceptualmente.

Cada vez mais mediático, o Bilderberger[5] Bernard Lewis possui apreciável estatuto reverencial – "Nenhum escritor contemporâneo fez mais para informar as percepções Ocidentais do Islão que Bernard Lewis." (da introdução a uma entrevista de Bobby Ghosh, *Time*, 20 de Setembro de 2008 – "Q&A: Bernard Lewis on Islam's Crisis") – por todo o lado disseminando pareceres e comunicações, incensado o destaque em termos académicos, profusa a circulação e a citação *especialista* em contextos essencialmente relativos ao binómio Médio Oriente[6]-Islão.

Nos dias que correm, a mais de meio século do seu aparecimento - 1950 - uma recensão crítica de *The Arabs in History* - em 6ª vernacular edição, 2002 - não pode deixar de enunciar alguns dos tópicos que o autor retomou ou vem retomando desde seu primevo e introdutório tratamento na obra em recensão; como tal, antes de atentarmos propriamente no texto de "The Arabs in History", debruçemo-nos ainda um pouco entrecruzadamente sobre mais recentes considerações do autor em premiada sede:

Aquando da Irving Kristol Award - entregue em 2007 a Bernard Lewis, «há muito o proeminente estudante e intérprete do Islão, do Império Otomano e do Médio Oriente do "mundo livre"» - Lewis ("Europe and Islam", *The American Enterprise Institute Press*, Washington D.C.) começa por dizer-se cada vez mais convencido de estarmos num ponto de viragem e de uma mudança maior, enquadrando em nomeados desfasamentos – "a auto-percepção [verdades não só universais mas exclusivas] partilhada entre Cristandade e Islão, levou à longa luta que vem durando há mais de

---

[5] V. Mapa em preâmbulo e, p. ex., "O Plano Lewis de balcanização do Oriente Médio" - http://educaterra.terra.com.br/voltaire/seculo/2006/07/19/001.htm – cujo primeiro esboço foi, precisamente, por ele apresentado no Encontro de Bilderberg, em Baden, na Áustria, em 27-29 de abril de 1979."

[6] «...o orientalista fornece à sua própria sociedade representações do Oriente que (*a*) transportem a sua marca distintiva, (*b*) ilustrem a sua concepção daquilo que o Oriente pode ser ou deveria ser, (*c*) contestem conscientemente a perspectiva do Oriente de outra pessoa, (*d*) forneçam ao discurso orientalista aquilo de que, naquele momento, parece necessitar mais, e (*e*) respondam a certos requerimentos culturais, profissionais, nacionais, políticos e económicos da época...» (Said:322)

catorze séculos" - a "nova fase" de agora, que em termos relacionais traduz em supostos combates dicotómicos e viscerais (não-triunfalismo vs. triunfalismo; imperialismo vs. não-imperialismo) sem que dualidades e dualismos se distingam tampouco.

Ainda que especifique um "novo radicalismo no mundo Islâmico – Sunni, especialmente Wahhabi e Xiita Iraniano"[7] ou se refira "aos olhos de uma minoria fanática e resoluta de Muçulmanos" como intentando uma "terceira vaga de ataque" sobre a Europa via "terror e migração", quando diz que "até aos tempos modernos eles não tinham sequer um vocabulário para a exprimir mas agora já têm" [para a distinção entre espiritual e temporal] a real generalização de Lewis não deixa de remeter demais ligações para um mesmo par de entidades, actualizáveis porque em relação referencial a exemplares respostas e propostas Ocidentais, como as denominadas de/por "multiculturalismo/politicamente correcto; engajamento construtivo" e ultimamente atendendo ao "apelo de um conhecimento genuinamente moderno" tido por "livre".

Sobre categóricos apelos se detendo ainda, identifica Lewis nos ambulacrários anátemas Radical+Islâmico um "apelo de esquerda para elementos anti-Americanos" (ex-Soviéticos) e de direita "para os elementos anti-Judaicos na Europa" (ex-Nazis), perguntando, em suma e confrontando os campos[8], "Onde se situa a Europa agora? É a

---

[6] Q: Parece haver uma crescente inquietação entre estudiosos da religião ou Muçulmanos comuns sobre esta imagem que os terroristas estão apresentando ao mundo. Parece haver alguma discussão em como tratar esta questão.

A: "Não devemos ter ilusões. É um perigo bem real que pode ser uma ameaça mortal a nossa inteira civilização, a nosso modo de vida. Vem em duas variedades. Por um lado temos o tipo al-Qaeda. Por outro temos o tipo Iraniano patrocinado pelo governo Iraniano. Ambos têm aspirações globais. Ambos têm uma espécie de *sets* mentais apocalípticos. Ambos sentem que agora é o fim do tempo e que o combate final está para ter lugar entre as forças do bem e as forças do mal, as forças do bem, claro, sendo eles, e as forças do mal sendo nós, o resto do mundo."

[entrevista a Bobby Ghosh, *Time*, 20 de Setembro de 2008 – "Q&A: Bernard Lewis on Islam's Crisis"]

[8]

ISLÃO	OCIDENTE
Fervor	Fraco
Convicção	Falta
Convencimento	Auto-difamação
Correcção	Aviltamento
Demografia	
Lealdade	
Disciplina	

terceira vez de sorte?”, posicionando como auto-difamando-se um, o Ocidente, e reproduzindo-se em “fervor e convicção” o outro, Islâmico, *self-pity* e *pinchos tiranos* quais agitadores conceptuais de serviço. Citando o filósofo Sírio Sadiq al-Azm, a questão remanescente sobre o futuro da Europa é: “Será uma Europa Islamizada ou um Islão Europeanizado?”

Mais a mais, tal é o patamar de estudante professor catedrático jubilado em assuntos Islâmicos, que, lendo os tempos recentes, Lewis aponta à face dos juristas clássicos uma possibilidade “aparentemente” não prevista por suas escolas quanto à vi(n)da de um Muçulmano em/para contexto não-Muçulmano, possibilidade esta em articulação de vontades colectivas e execução migratória e demográfica que não contempla a realidade e a autenticidade Cruzada, tomada por “imitação tardia, limitada e sem sucesso da jihad – uma tentativa de recuperar pela guerra santa o que havia sido perdido pela guerra santa” que “falhou e não foi retomada.”

Denotando todavia sem as especificar que as limitações do estatuto dhimmi “eram aceitáveis no passado, entraram crescentemente em conflito com noções democráticas de co-existência civilizada”[9], Lewis afirma não possuírem os Muçulmanos “esse nível de independência em sua vida legal e social no estado moderno, secular”, sendo “sem dúvida irrealista para eles esperá-lo, dada a natureza do estado moderno”, embora, assinala, não o vejam deste modo e se sintam “no direito de receber o que deram.”

---

*

Tabela 1: reveladora matriz de associação de conceitos indexados num singelo parágrafo de “Europe and Islam”;

[9] “O Islão nunca esteve preparado, quer em teoria quer na prática, para dar igualdade total aqueles que detêm outros credos e pratriquem outras formas de adoração.” (Bernard Lewis. The Roots of Muslim Rage. *The Atlantic Monthly*. Sep. 1990)

Formalmente, "The Arabs in History" dividem-se em dez capítulos antecedidos por uma lista dos mapas usados e por uma introdução (além dos prefácios à primeira – 1950 - e à corrente – 6ª, 2002 – edição em análise), seguindo-se ainda uma tabela cronológica, o elenco de notas remetentes ao texto, um guia para futuras leituras e, claro, o índice da obra.

Das possíveis formas de abordar criticamente a obra em questão, relevou-se destacar o operador metodológico 'história' por forma a evidenciar a rede desferida pelo autor em seu torno, compreendendo quer o que de auto-legitimação este lhe imputa, quer o que a partir deste se estabelece em meta-narrativas moções. Com efeito, de um destaque desta jaez se infere necessariamente o papel e o estatuto performatizado no cômputo geral da obra por definido conceito, tal exercício resultando particularmente claro quanto ao texto em questão se reflectirmos sobre o escasso desenvolvimento que merecem ao autor num trabalho desta dimensão termos como "Andalus" (duas nomeações:136-7), "Shari'a" (uma nomeação:145), 'Zakat' (singela nomeação:44) ou mesmo "Dhimmi" (:57;71;101), não podendo deixar de referir igualmente o mero par de citações da Leitura – d'al-Qur'an - propriamente dita. Assim, em tradução directa, seguem-se as passagens à 'história' remetentes, para relacional consideração do leitor sobre as sancionadas perspectivas implicadas:

Introdução (pp. 1-14)

'São Árabes todos para os quais o facto central da **história** é a missão de Muhammad e a memória do Império Árabe e que acarinham a língua Árabe e sua herança cultural enquanto possessão comum.' (Sir Hamilton Gibb) (Lewis:2)

A associação a nomadismo é ilustrada pelo facto de os Árabes aparentemente terem usado a palavra para distinguir os Beduínos dos habitantes falantes de Árabe de cidades e vilas, de algum modo continuando a fazê-lo hoje em dia. A etimologia

tradicional derivando o nome de um verbo que significa ‘expressar’ ou ‘enunciar’ é quase decerto uma inversão do processo **histórico**. (cf. Lewis:3)

O escritor Europeu sobre **história** Islâmica labora sob uma especial inabilidade (disabilite), pois que escrevendo numa linguagem Ocidental necessariamente usa termos Ocidentais, baseados em categorias de pensamento e análise Ocidentais derivadas da história Ocidental. Sua aplicação a outra sociedade formada por diferentes tradições e com diferentes modos de vida pode pelo melhor ser tão só uma analogia, podendo ser perigosamente enganadora. Por exemplo, pares de termos como Igreja e estado, espiritual e temporal, eclesiástico e laico, não possuíam reais equivalências em contexto Muçulmano até aos tempos modernos, quando foram criados – ou emprestados pelos Cristãos Árabes – para traduzir ideias modernas, pois que a dicotomia que expressam era desconhecida da sociedade Muçulmana medieval. (cf. Lewis:13)

Capítulo 1 – *Arabia Before Islam* (pp. 15-31)

Teoria Winckler-Caetani: A Arábia foi originalmente uma terra de grande fertilidade e a primeira casa dos povos Semitas. Através dos milénios passou por um processo de seca (desiccation) constante, expandindo-se o deserto às custas da terra cultivável. A decrescente produção peninsular conjuntamente com o aumento populacional levou a uma série de crises de sobrepovoamento e consequentemente a um ciclo recorrente de invasões de países vizinhos pelos povos Semitas da península. Foram estas crises que levaram Assírios, Arameus, Canaanitas (incluindo Fenícios e Hebreus) e finalmente os Árabes ao Crescente Fértil. Os Árabes da **história** seriam assim o resíduo indiferenciado posterior às grandes invasões que tomaram lugar. (cf. Lewis:17)

Apesar da importância numérica dos nómadas foram os elementos estabelecidos e mais especialmente aqueles vivendo e trabalhando nas rotas comerciais trans-Arábicas que determinaram a **história** da Arábia. (cf. Lewis:29)

A **história** antiga de Meca é obscura. Se, como foi sugerido, deve ser identificada com a Macoraba de Ptolomeu, foi provavelmente fundada como um posto ao sul na estrada Arábica de especiarias para Norte. Algum tempo antes do advento do Islão, Meca foi ocupada pela tribo dos Quraysh, do Norte, que rapidamente se desenvolveu enquanto importante comunidade mercadora, possuíndo acordos comerciais com as autoridades fronteiriças Bizantinas, Etíopes e Persas. (cf. Lewis:30)

Capítulo 2 – *Muhammad and the Rise of Islam* (pp. 32-46)

[Qur’an 42:5]

Citação de Ernest Renan sobre o nascimento do Islão ter ocorrido à luz total da **história**, face ao copioso elenco biográfico providenciado pela Sira, a vida tradicional Muçulmana do Profeta;

“Quando os problemas de governar um vasto império trouxeram os Árabes a lidar com toda uma série de dificuldades nunca surgidas ao tempo do Profeta, foi estabelecido o princípio de não somente o Qur’an mas também a prática e os ditos do Profeta – tradições – hadith – gravadas ao longo de sua vida servirem como guias de conduta.” (cf. Lewis:32)

Ignaz Goldziher; Leone Caetani e Henri Lammens – cada Hadith individual deve ser testado antes de ser aceite como autêntico;

Joseph Schacht e Robert Brunschvig – “muitas tradições de conteúdo aparentemente histórico servem de facto um propósito legal ou doutrinal, pelo que **historicamente** suspeito.”

Bernard Lewis enuncia, a propósito, um meio termo entre o detalhe tradicional e a recente crítica radical; (cf. Lewis:34)

[Qur’an 93: 6-8] [Lewis:35]

“Académicos modernos inferiram, das versões Muçulmanas de **histórias** bíblicas, que o primevo conhecimento bíblico Muçulmano foi indirectamente adquirido, provavelmente de comerciantes e viajantes Judeus e Cristãos cuja informação foi afectada por influências *midrashic* e apócrifas”. (Lewis:35)

Ansar vs. *Munafiqun*; “a qualidade religiosa desta diferença de opiniões é sem dúvida uma projecção no passado de **historiadores** posteriores.” (Lewis:38)

Em Meca Muhammad é um cidadão privado, em Medina o principal magistrado da comunidade. Em Meca limitou-se a uma oposição mais ou menos passiva à ordem existente; em Medina governou. Em Meca pregou o Islão; em Medina pôde praticá-lo. Esta mudança é reflectida tanto na narrativa biográfica - que se torna menos mítica e mais **histórica** – como no Qur’an, que departe da teologia para a legislação. (Lewis:38)

O **historiador** moderno, como Gibbon, procurará ‘com conveniente (becoming) submissão, perguntar não o que foi primeiro, mas quais as causas secundárias do rápido crescimento’ da nova fé. (...) Os feitos performatizados por ou atribuídos a Muhammad serviram para reviver e redireccionar correntes já existentes entre os Árabes de seu tempo, sua carreira sendo a resposta a uma grande necessidade política, social e moral. (...) A necessidade de uma forma mais elevada de religião levou à expansão do Judaísmo, do Cristianismo e ao ainda mais significativo movimento dos Hanifs Árabes. (...) Muhammad despertou e redireccionou as forças latentes de um revivalismo e expansão Árabes, seu cumprimento deixado para terceiros. (Lewis: 46)

Capítulo 3 – *The Age of the Conquests* (pp. 47-64)

“A **história** (story) das conquistas é citada tão frequentemente para estabelecer regras da lei, que muitos académicos a vêem como não mais que uma colecção de precedentes legais reais ou inventados em lugar de uma narrativa autêntica de eventos históricos.” (Lewis:51)

Referência a fortaleza Bizantina de Babylon, perto do actual Cairo; destruição da Biblioteca de Alexandria a mando do Califa é **história** infundada; (cf. Lewis:53)

Pouco após o início de 640, de acordo com a tradição **historiográfica** Árabe, ‘Umar instalou um sistema em que, por assim dizer, todo o império foi posto à guarda da comunidade Muçulmana, o Califa sendo seu depositário; a Tradição Muçulmana, incorporada nos tratados da Lei Sagrada, faz uma importante distinção entre aquelas províncias que se renderam condicionalmente (on terms) – como a Síria e o Egipto - e aquelas que se renderam incondicionalmente (at discretion), como o Iraque. (cf. Lewis:56)

Capítulo 4 – *The Arab Kingdom* (pp. 65-83)

Mu’awiya e a transformação de uma teocracia teórica Islâmica numa monarquia Árabe; **historiadores** Árabes afirmam o Califado interrompido com ‘Ali, a Mu’awiya e aos resto dos Ummayad (à excepção do pio ‘Umar II, 717-20) creditando somente um Reino – Mulk -, retornando o Califado com ‘Abbas, 750 AD; (cf. Lewis:65)

“O Califado de ‘Abd al-Malik não era uma autocracia do velho tipo oriental mas uma monarquia centralizada, modificada pela tradição Árabe e por reminiscências da ideia teocrática.”; durante o reino de ‘Abd al-Malik começou um processo chamado pelos **historiadores** Árabes de “organização e ajustamento”; substituição gradual dos sistemas administrativos Persa e Bizantino por um sistema imperial Árabe; em 696 é instituída cunhagem Arábica; início de um processo de racionalização fiscal; (cf. Lewis:78)

Capítulo 6 – ‘*The Revolt of Islam’* (pp.107-124)

Zanj, revolta dos escravos negros, 869-883;

seu líder reclama descendência [? – descent..] ‘Alid mas não aderiu à Shi’a, antes aos Kharijitas, os anarquistas igualitários que haviam em tempos anteriores proclamado que o melhor homem, independentemente de suas origens, devia ser o Califa;

al-Mukhtara, ‘a Escolhida’, capital criada;

a 879, a 17 milhas de Baghdad, pico de suas conquistas;

a 11 de Agosto de 893, Al-Mukhtara sucumbe a prolongado cerco;

“Estes movimentos de revolta campesina no Irão e a revolta de escravos do sul do Iraque parece não ter deixado uma marca permanente no curso da **história** Islâmica nem ter significado uma mudança radical na estrutura da sociedade Islâmica. Tão só deixaram para trás uma subcorrente de descontentamento e dissensão que encontrou expressão periódica numa série de movimentos abortivos.” (cf. Lewis:112-5)

Capítulo 8 – *Islamic Civilization* (pp.142-156)

“Ao contrário de seus contemporâneos Ocidentais, o Muçulmano medieval raramente sentiu necessidade de impôr sua fé pela força aqueles que se sujeitavam a seu governo.” “Regra geral, ficava satisfeito em ser da fé dominante numa sociedade de várias fés. Impôs aos outros certas limitações sociais e legais como penhor de sua primazia, dando-lhes lembrança efectiva para o caso de parecerem dispostos a esquecê-la. De resto, deixou-lhes suas liberdades religiosa, económica e intelectual e a oportunidade de produzir uma notável contribuição para sua própria civilização.”

“A visão **histórica** Islâmica da profecia (...) possibilitou que o Muçulmano visse o Judeu e o Cristão como possuidores de versões imperfeitas de algo que apenas ele possuía em sua perfeição final.” (Lewis:152)

“A palavra atomístico tem sido usada com frequência para descrever um hábito mental e aparente (outlook) reconhecível em alguns aspectos da civilização Árabe, especialmente nas etapas pós-clássicas de sua **história**, i.e. a tendência para entender a vida e o universo como uma série de entidades estáticas, concretas e disjuntas, largamente (loosely) ligadas numa espécie de associação mecânica ou mesmo casual por circunstâncias ou pela mente de um indivíduo, mas sem interrelação orgânica própria.” (Lewis:153)

“Tudo procede directamente da vontade de Deus que estabeleceu certos hábitos de sucesão ou concomitância. Todo o evento em todo e qualquer átomo temporal é o resultado de um acto directo e individual da criação.”

“Esta rejeição final e deliberada de toda a causalidade, uma vez aceite na generalidade, marcou o fim da livre especulação e pesquisa, tanto na filosofia como nas ciências naturais, frustrando o prometedor desenvolvimeno da **historiografia** Árabe. Serviu bem as necessidades de uma sociedade Islâmica na qual a mais livre vida social e económica de uma grande era comercial estava cedendo lugar à ordem quase-feudal que mudou muito pouco no decurso dos séculos. O velho conflito de concepções esteve latente (smouldered on), mas esta nova versão do Islão não foi seriamente desafiada durante 1000 anos, até que o impacto do Ocidente nos séculos XIX e XX ameaçou toda a estrutura tradicional da sociedade Islâmica..” (Lewis:155)

Capítulo 10 – *The Impact of the West* (pp. 180-208)

“Os Cruzados trouxeram um pedaço da Europa ocidental ao coração do Este Árabe. Estes contactos, porém, frutíferos para o Ocidente que aprendeu muito dos [“from the”, notar que não ‘com’] Árabes, teve nestes pouco efeito, para estes permanecendo as relações externas e superficiais...”;

“A literatura geográfica e **histórica** dos Árabes medievais reflecte sua completa falta de interesse na Europa ocidental, que viam com um entreposto de trevas e barbárie de onde o mundo do Islão tinha pouco a temer e menos a aprender.” (Lewis:180)

“A civilização Islâmica clássica havia há muito passado seu tempo aquando da chegada dos Mongóis no século XIII, estando já num estado avançado do que a maior parte dos **historiadores** chamaria declínio.” (Lewis:201)

Ao presente[10], dois diagnósticos para as maleitas da região estão em questão, cada qual com sua própria prescrição para a cura. Para um, o problema é inteiramente devido aos infiéis e seus crentes (dupes) e imitadores locais, o remédio sendo reassumir (resumption) a luta milenária contra o adversário infiel no Ocidente e o retorno à autenticidade, a suas leis e tradições divinamente sancionadas (God-given). Para o outro, são os velhos modos, agora degenerados e corruptos, que os estão estropiando, o remédio sendo abertura e liberdade económica, social e estatal – numa palavra, democracia. Ambos os tipos de regime - democracia liberal e teocracia Islâmica – estão representados na região e não só, ambos possuíndo seus fervorosos defensores e opositores. O futuro lugar dos Árabes na **história** dependerá, em grande medida, do resultado da contenda entre eles. (Lewis:208)

[10] Assinale-se o nada visionário carácter da frase abaixo citada como exemplo cabal do projectado enviesamento perceptivo autoral, confrontando-a com o presente que efectivamente se lhe seguiu e segue:

"...há ainda uma presença Ocidental impondo-se (imposing) – cultural, económica, diplomática – em terras Islâmicas, algumas das quais são aliadas Ocidentais. Certamente em lado algum no mundo Muçulmano, no Médio Oriente ou noutra parte, sofreu a política Americana desastres ou encontrou problemas comparáveis aos do Sudeste Asiático ou da América Central. Não há Cuba ou Vietname no mundo Muçulmano e não há lugar onde forças Americanas estejam envolvidas como combatentes ou mesmo como 'conselheiros'. Mas há uma Líbia, um Irão, um Líbano e uma onda de ódio que incomoda, alarma e sobretudo confunde (baffles) os Americanos."

(Bernard Lewis. The Roots of Muslim Rage. The Atlantic Monthly. Sep. 1990)

Bibliografia não referenciada em corpo de texto:

Gerecht, Reuel Marc. "The Last Orientalist: Bernard Lewis at 90". *Weekly Standard*. 6 de Maio de 2006. Volume 11. *Issue* 36. http://eng.gees.org/imprimir.php?id=116

Humphreys, R. Stephens."Bernard Lewis: An Appreciation". *Humanities*, vol. 11, nº3 (Maio/Junho 1990), pp.17-20. http://geocities.com/orientalismorg/Lewis.htm

Said, Edward. "Orientalismo". Cotovia. Lisboa. 2004